

Marcadores discursivos em entrevistas com falantes nativos e não nativos da língua inglesa

Discourse markers in interviews with native and non native speakers of English

Michele Ester de Moura Campos FURLAN¹
Vanessa Hagemeyer BURGO²

RESUMO: Este trabalho visa a discutir o uso dos marcadores discursivos no texto falado, assinalando, de forma contrastiva, suas funções e os efeitos de sentido produzidos em entrevistas com um falante nativo e um não nativo da língua inglesa. O *corpus* é constituído por duas entrevistas com professores de inglês: uma concedida por uma brasileira, e a outra por um inglês que, atualmente, reside no Brasil. A pesquisa segue o método empírico-indutivo e o arcabouço teórico ancora-se nos conceitos da Análise da Conversação. Os resultados mostraram que tanto o falante nativo da língua inglesa, quanto a não nativa criaram estratégias semelhantes no que diz respeito ao planejamento verbal, à organização dos tópicos e à função exercida pelos marcadores discursivos. A rigor, estes elementos desempenham um papel relevante no estabelecimento de elos coesivos e entre as partes do texto, assim como na manutenção e na organização do fluxo conversacional.

PALAVRAS-CHAVE: Análise da Conversação; Marcadores Discursivos; Língua Inglesa.

80

ABSTRACT: The aim of this article is to discuss the use of discourse markers in spoken texts in order to contrast their functions and meaning effects produced in interviews with a native and a non-native speaker of English. The *corpus* was composed of two interviews carried out with two English teachers: a Brazilian woman and a British man who currently lives in Brazil. The research follows the empirical-inductive method, and the theoretical framework was based on the concepts of Conversation Analysis. According to the findings, both native and non-native speakers of English used similar strategies regarding verbal planning, topic organization and the functions of discourse markers. It is important to highlight that these elements played an important role in the establishment of cohesive links among the parts of the text as well as they contributed to the maintenance and organization of conversation flow.

KEYWORDS: Conversation Analysis; Discourse Markers; English Language.

Introdução

O aparente caos que se observa em uma transcrição da língua falada esconde, na verdade, uma rede muito bem organizada de características que culminam no entendimento mútuo dos interactantes. A fala, portanto, deve ser estudada a partir de suas características próprias, deixando de ser considerada o lugar do ‘caos’, para ocupar uma posição de realce,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas – MS – Brasil. CEP: 79603-040 – Email: michele-furlan@hotmail.com.

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas – MS – Brasil. CEP: 79603-040 – Email: vanessahburgo@hotmail.com.

passível de ser estudada cientificamente, por meio de uma análise focalizada em seu processo de construção.

Diferentes elementos típicos essenciais são responsáveis pela organização e caracterização da fala como: os pares adjacentes, o turno conversacional, a organização tópica e os marcadores discursivos. Nesse sentido, optamos por trabalhar com os Marcadores Discursivos, doravante MDs, pois envolvem aspectos interacionais, textuais, cognitivos e finalísticos da linguagem. Os MDs são elementos que exercem fundamental papel na organização da fala, principalmente devido ao seu caráter pragmático, o que lhes confere a função de organizador textual, sendo um dos responsáveis pela coesão e coerência do texto falado, contribuindo para que a fala não seja um amontoado de frases sobrepostas, mas sim, para que exista uma conectividade entre elas. Eles estruturam o texto, fazendo com que ele não seja simplesmente uma construção verbal cognitiva, mas também uma organização interacional, ou seja, produzida por uma série de recursos implícitos provenientes de um processo de negociações e trocas.

Quando observamos falantes nativos conversando, percebemos a importância dos marcadores discursivos nesse processo interacional. Portanto, para que um falante não nativo de uma determinada língua obtenha maior sucesso nas situações de interação, é necessário que ele domine o uso desses elementos, o que acontecerá quando esse indivíduo adquirir competência comunicativa, ou seja, competência organizacional (gramática e discurso), competência pragmática (funcional e sociolinguística) e competência estratégia (de suas escolhas) (BROWN, 2001, p. 68).

Levando-se em consideração essa informação, este estudo pretende responder às seguintes perguntas: Como os falantes não nativos utilizam os MDs? Quais funções e efeitos de sentido são empreendidos? Será que essas funções e efeitos, comparativamente falando, são semelhantes às funções e efeitos empreendidos pelos nativos?

81

Várias pesquisas sobre os MDs em diferentes línguas já foram desenvolvidas e, quando se trata da língua inglesa, esse número é ainda maior, já que é possível encontrar diversos estudos acerca dos marcadores do inglês falado por nativos na literatura científica. No entanto, poucos deles se dedicaram ao estudo dos marcadores na fala de aprendizes ou de sujeitos bilíngues.

É com base no exposto que o presente trabalho objetiva descrever como os marcadores discursivos do inglês se organizam na fala de nativos e de não nativos, mais precisamente brasileiros que aprenderam a falar essa língua em contexto formal de aprendizado, ou seja, como estrangeira, sem contato permanente com o seu contexto linguístico, bem como estabelecer uma comparação qualitativa e quantitativa entre as regularidades encontradas, funções e efeitos de sentido a fim de verificar se os usos são semelhantes ou não.

A rigor, os marcadores exercem um papel relevante no estabelecimento de elos coesivos entre as partes do texto, assim como na manutenção e na organização do fluxo conversacional.

Marcadores Discursivos

Os marcadores discursivos, ou marcadores conversacionais, são considerados elementos típicos da fala, uma vez que praticamente todas as conversações apresentam MDs que permeiam elementos cognitivo-informativos, alternando-se com esses, sem, contudo, fazer parte do assunto realmente conversado. Apresentam-se à margem desse conteúdo, mas são extremamente importantes, pois, são responsáveis pela coesão e coerência do texto conversacional.

Os MDs são partículas de variada classificação na gramática tradicional, que centra suas observações no nível intraoracional, mas que, se analisados de acordo com teorias mais contemporâneas, podem ser classificados como partículas pragmáticas responsáveis pelo fluxo conversacional, estando mais centrada no discurso. Assumem, em determinadas situações de uso e de acordo com as escolhas do falante, o papel de constituinte extraoracional no plano textual-interativo. (FRASER, 1987)

Estudos sobre os MDs podem ser encontrados ancorados em diversos arcabouços teóricos e o mesmo acontece quanto à sua nomenclatura, pois não existe consenso entre os pesquisadores e, em consequência disso, são denominados de várias formas. Somente Fraser (1998, p. 301) lista 15 nomes, por exemplo. Tampouco existe consenso quanto à sua definição ou à sua classificação, o que leva os estudos acerca dos marcadores a diversas perspectivas.

Para este artigo, concordamos com a perspectiva de Schiffrin (1987, p. 66), a qual “discourse markers are indices of the underlying cognitive, expressive, textual, and social organization of a discourse, then it is ultimately properties of the discourse itself, that provide the need for (and hence the slots in which) markers appear.”³ Portanto, operam no discurso como articuladores de suas partes em diferentes planos.

Segundo Urbano (2003, p. 93), “trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão.”

Para uma melhor compreensão de como atuam essas partículas, faz-se necessária a descrição de algumas características de seu comportamento. De acordo com Urbano (2003), podemos destacar quatro aspectos acerca dos MDs: formal, semântico, sintático e comunicativo-interacional, mas, para a análise empreendida aqui, destacaremos o aspecto comunicativo-interacional dos MDs.

Podemos dizer que esses elementos estão diretamente relacionados com as funções comunicativas e interacionais dos usos da linguagem, ou seja, quando do momento da interação. Por esse motivo, Marcuschi (1989, p. 300) postula que “as funções e mesmo as posições sintáticas dos MDs são derivadas de outras mais altas, ou seja, as funções interacionais.”

As funções de um mesmo marcador, no ato da interação, são múltiplas e variam de acordo com as escolhas feitas pelo interlocutor quando da formulação de sua fala. Se compararmos a função da forma prototípica desses marcadores com sua utilização no discurso, podemos perceber que a função migra para formas mais abstratas, relativas à organização desse discurso.

Halliday (1973, p. 66) divide as funções dos MDs em uma função geral e ampla, comum a todos esses elementos, que seria a função textual, ou seja, o “componente que possibilita ao falante organizar o que ele está dizendo de tal modo a fazer sentido no contexto e a preencher sua função como mensagem”. Essa função geral comportaria outras duas funções mais específicas: a função interpessoal e a função ideacional.

Para Marcuschi (1989, p. 282), “os marcadores discursivos operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, sendo, pois, multifuncionais”. O autor afirma:

³ Marcadores discursivos são índices subjacentes cognitivos, expressivos, textuais, e pertencentes à organização social de um discurso, então são em última análise, propriedades do próprio discurso, que fornecem a necessidade de (e, portanto, as faixas em que) os marcadores aparecem. (Tradução nossa)

Como estruturadores, ao operarem na ordem sintagmática, eles sequenciam unidades, ou seja, segmentam e ligam porções textuais. Essas unidades são recortes discursivos funcionalmente caracterizados e internamente compostos de padrões sintáticos de natureza diversa, como por exemplo, uma ou várias orações ou até mesmo parte de oração. (p.288)

Em consequência dessa multifuncionalidade, sua classificação é muito divergente entre os autores. No entanto, de uma maneira geral, podemos classificá-los como: marcadores do falante (de início de turno: *veja, olha, bom, eu acho* e de fim de turno: *né?, certo?, Isso aí?*) e marcadores do ouvinte (convergente: *mhm, ahn, sim, claro*, indagativos: *será?, mesmo?, é?*, e divergentes: *não, discordo, essa não, nada disso*). (MARCUSCHI, 2003, p. 68)

Além dessa classificação, em algumas situações de uso, os MDs recebem uma classificação muito diversificada. Para uma melhor sistematização, elaboramos uma tabela com as classificações mais recorrentes.

Classificação	Exemplos de Marcadores
Preenchedores de pausas, marcadores de hesitação ou de manutenção de tópico	ahm, uhm, eh-eh, assim, então, mas, é, porque
Marcadores de busca de aprovação discursiva	sabe?, certo?, né?, ok?, não é?
Marcadores de monitoramento do ouvinte	hu-hu, ok, sim, claro, pois é
Marcadores de atenuação	eu acho que, tenho a impressão que, se não estou errado,
Marcadores esclarecedores	quer dizer, tipo assim, na verdade
Marcadores de apoio	tá?, né?
Marcadores redutores	Assim
Marcadores resumidores	coisa e tal, e assim por diante
Marcadores de opinião	acho, creio, na minha opinião
Marcadores de rejeição	que eu me lembre agora, que eu saiba, dizem
Marcadores argumentadores	sim mas, pra mim
Marcadores que assinalam tomada de turno	então, olha, certo, viu
Marcadores que assinalam entrega de turno	entendeu?, compreende?, O que você acha?, Qual sua opinião?, Sim?
Marcadores de armação do quadro tópico	agora que estamos nesse ponto, e por falar nisso
Hedges ⁴	assim, sei lá, talvez
Marcadores regionais (gírias)	oxente, pior, bah
Marcadores específicos de determinado grupo social ou faixa etária	tipo, cara, mano, sacou?, partiu, mora

Fonte: Tabela elaborada com base em Marcuschi (1989, 2003), Castilho (1989), Urbano (2003) e Risso, Silva e Urbano (2002) e Rosa (1992)

É importante salientar o caráter plurifuncional dos marcadores, pois cada um pode transitar por entre todas as classificações disponíveis, e podem exercer, ao mesmo tempo, mais de uma dessas funções. Isso se deve ao fato de ser conduzido sempre pelas estratégias de

⁴ Segundo Rosa (1992, p. 49), os *hedges* “encontram-se semeados no discurso, muitas vezes em posição parentética, e abrangem diferentes formas estereotipadas”. Nas palavras da autora, “são advérbios, locuções adverbiais, expressões verbais, pequenas frases, etc., que introduzem um grau de incerteza ou de imprecisão nos enunciados em que ocorrem”.

construção do texto interacional e, respectivamente, pelo efeito de sentido pretendido pelo falante.

Como os marcadores são articuladores e estruturadores do texto conversacional, podemos destacar alguns fatores funcionais que influenciam diretamente nas escolhas feitas pelos falantes: princípio de defesa das faces; processos de negociação; processos de hierarquização dos atos; estratégias metacomunicativas; mecanismos organizacionais da conversação; e processos de organização textual (do texto oral). (MARCUSCHI, 1989, p. 289)

Análise dos dados

Para a análise dos dados, foram selecionadas duas entrevistas: a primeira, concedida por uma brasileira, professora de inglês que aprendeu a língua em um contexto formal, isto é, em um curso livre, sem ter contato de imersão no idioma. É proficiente, possuindo o FCE (*First Certificate in English*), certificado de proficiência da Universidade de Cambridge; e a segunda, concedida por um britânico, portanto, nativo da língua inglesa, também professor e que vive no Brasil. As transcrições seguem as normas do projeto NURC (Norma Urbana Culta) e foram feitas sem cortes ou edições, para manter a fidelidade dos dados e, por essa razão, alguns erros gramaticais não foram corrigidos.

É oportuno ressaltar que foram realizadas perguntas variadas aos entrevistados e, após transcrições, houve a seleção de fragmentos que mais apresentaram elementos significativos para o estudo, partindo do exame das ocorrências para as interpretações, seguindo, portanto, o método empírico-indutivo. Esta postura metodológica, segundo Galembeck (1999b, p. 118),

84

Decorre da própria natureza da língua falada, que é caracterizada pela extrema variabilidade e fluidez. Essa variabilidade impede, aliás, a adoção de categorias e modelos formais previamente definidos traz consigo a necessidade de uma teoria que flua dos casos e corresponda diretamente a eles.

Foi realizada, primeiramente, uma análise qualitativa dos dados, verificando regularidades de uso, funções e efeitos de sentido exercidos pelos MDs no momento do discurso. Posteriormente, foi realizada uma análise quantitativa dos dados, a fim de fazer um levantamento dos MDs, verificando quais foram utilizados e sua recorrência.

Análise qualitativa

Para a análise qualitativa, foram destacados, nos trechos das entrevistas, todos os MDs encontrados. As entrevistas serão analisadas em blocos de perguntas e respostas, trecho a trecho, devido à necessidade de contextualização. Cabe ressaltar que a análise está centrada na descrição dos MDs, os quais serão explicitados quanto à sua função. Para cada um deles será analisada a fala do entrevistado, e os elementos recorrentes nos trechos subsequentes não serão analisados para que não haja repetição.

Para as análises, levaremos em consideração os estudos sobre os MDs no inglês nativo existentes na literatura científica, o que nos dará subsídios para analisar funcionalmente os MDs encontrados.

Primeira entrevista:

1 how do you see the teacher as a professional?

2 *well...* I see it's a great job and its *hum* (I forgot) just a moment (...) *because*::... nobody not everyone can teach and the teaching *in my opinion* is a talent that some people can have... not everyone... *and... of course...* teachers are the future because they teach from small ages... small child/small children to adults... and they they *kind of* educate too... *kind of* grow up the the children or their students because... *ah*:::... they can teach and they can say it is right or wrong

1 Como você vê a profissão de professor?

2 bom...eu vejo como um bom trabalho e é hum (esqueci) só um momento (...) porque::... ninguém nem todo mundo pode ensinar e o ensino na minha opinião é um talento que algumas pessoas podem ter... nem todo mundo... e... claro... os professores são o futuro porque eles podem ensinar desde os menores... criança pequena/crianças pequenas até adultos... e eles eles meio que educam também... meio que criam as as crianças ou seus alunos porque... ah:::... eles podem ensinar e podem dizer o que é certo ou errado

No fragmento acima, observamos o uso do marcador *well* em posição inicial. Esse marcador recebeu ampla atenção na literatura, sendo descrito e analisado por vários pesquisadores e sob diferentes enfoques. Para Lakoff (1973), por exemplo, o uso do *well* acontece principalmente em respostas em que o interlocutor não possui conteúdo suficiente para completá-la (1973, p. 463), quando foi parcialmente respondida (p. 459) ou quando utiliza respostas indiretas (p. 458), ou seja, quando o interlocutor não está respondendo diretamente ao que lhe foi perguntado, ou ainda, quando não tem certeza do quê e de como responder. É possível perceber que, nesse momento, a entrevistada tenta ganhar tempo em sua resposta, pois está no processo de formulação. Prova disso é o fato de que logo em seguida ela faz uma autocorreção e reinicia sua fala (*well... I see it's a great job and its... hum... I forgot just a moment...*). A autocorreção é uma das estratégias de formulação do texto falado, fruto do planejamento local e prova material do processo cognitivo de organização da construção da coerência textual.

85

Cabe ressaltar, ainda, dois elementos da fala da entrevistada: o *because*, também em posição inicial e o *and* em posição medial, ambos seguidos de pausa. Apesar de preservarem na fala sua natureza explicativa e causal (para *because*) e aditiva (para *and*), funcionam também, nesse discurso, como marcadores discursivos. De acordo com Munthe (2008 p.18), “*And* is a structural coordinator of ideas as which has pragmatic effect as a marker of speaker continuation.” E “*because* is a marker of subordinate idea units”⁵. Esses marcadores, no trecho analisado, foram utilizados como planejadores verbais, uma vez que o planejamento é local, ou seja, desenvolve-se ao mesmo tempo em que se executa o enunciado, em tempo real. São classificados como marcadores preenchedores de pausa ou de hesitação.

Também foi utilizado pela entrevistada o marcador ideacional de opinião *in my opinion*. Esse marcador normalmente é classificado como um MD de opinião, mas, da forma como foi utilizado pela falante, ou seja, no meio da sentença, indica atenuação da força ilocutória do enunciado. Em função de ser uma declaração polêmica (*not everyone can teach*), poderia haver discordância de opinião de alguém que a estivesse escutando, portanto, ela ameniza a situação, já deixando claro que a opinião pertence a ela e não é uma verdade universal. De acordo com Rosa (1992, p. 30),

⁵And é um coordenador estrutural de ideias a medida em que tem um efeito pragmático como uma marcador de manutenção do falante e *because* é uma marcador de ideias subordinadas. (Tradução nossa)

a atenuação refere-se à modificação de um ato de fala (ou ato de comunicação) através do emprego de variados meios atenuadores. Entretanto, a noção mesma de atenuação permanece atada à obtenção de um efeito de sentido que só poderá ser considerado e avaliado como tal numa interação social específica.

Outro marcador que foi utilizado nesse fragmento por duas vezes foi o *kind of*. O *kind of* é um marcador que pode ser classificado como *hedge*. Os marcadores *hedges*, segundo Galembeck (1999a, p. 188), “funcionam como elementos de atenuação do valor ilocutório dos enunciados, pois provocam no ouvinte um efeito de dúvida, imprecisão ou incerteza e, assim, diminuem a responsabilidade do locutor em relação aos conceitos emitidos.” Dessa forma, ao utilizar esse MD, a entrevistada diminui a força ilocucionária de sua afirmação. Ela afirma que os professores são muito importantes porque fazem esse papel, mas que, no entanto, isso caberia aos pais, que não o estão fazendo. Essa afirmação poderia causar objeção por parte do ouvinte e, por isso, com o intuito de preservar a sua face⁶, atenuou sua fala dizendo que essa educação é parcial.

No fragmento a seguir, observamos o uso do marcador *understand*, assinalando três funções distintas: monitoramento do ouvinte, busca de aprovação discursiva e planejamento verbal:

1 ok... ahn... what about the difficulties or the good points of being a teacher in your opinion?

2 *well*... ((coughed)) sorry... *in my opinion* there are many different difficulties in being a teacher because you deal with too many people many students from many different families... many different education... *ahn*:::... you you have to be very smart to not make them feel bad as you say something in your opinion would not be bad but you don't know... yo/the other people's opinion... *understand?* *and then*... the advantage is... they are many because you can have a good relationship to your students and they will be your friends FOREVER and they will admire you they will ask you many things about their lives... their doubts... *and*... and it's very important because you will be a mother for them

1 ok...eh::...e sobre as dificuldades ou pontos positivos de ser professor na sua opinião?

2 bom...((tossiu)) desculpe... na minha opinião existem muitas dificuldades em ser professor porque você lida com muitas pessoas muitos estudantes de famílias muito diferentes... muitas educações diferentes... ahn:::... você você tem que ser muito esperto para não fazer com que eles se sintam mal quando você diz alguma coisa que na sua opinião não seria ruim mas você não sabe... voc/a opinião das outras pessoas... entende? e então...a vantagem eh... tem muitas porque você pode ter um bom relacionamento com seus alunos e eles serão seus amigos PARA SEMPRE e eles vão te admirar eles vão perguntar muitas coisas para você sobre a vida deles... suas dúvidas... e... e isso é muito importante porque você vai ser como uma mãe para eles

No exemplo acima, o marcador *understand* exerce a função de monitoramento do ouvinte, pois a entrevistada consegue monitorar o fluxo conversacional; funciona, também, como mecanismo de busca de aprovação discursiva, uma vez que a interlocutora espera uma resposta positiva da ouvinte, uma aprovação ao que se diz; opera, ainda, como planejador verbal, pois, logo em seguida, utiliza um marcador composto *and then* que também é um

⁶ O conceito de face foi elaborado por Goffman (1974) e é compreendido como a autoimagem pública que cada indivíduo constrói de si mesmo e que pretende preservar e ver preservada. Essa noção de face foi reelaborada por Brown e Levinson (1978, p. 61), que introduziram o conceito de face positiva e face negativa. Face positiva é a autoimagem reivindicada pelos interactantes, o que inclui o desejo de que esta seja apreciada, reconhecida e aprovada. A face negativa refere-se à reivindicação pelos territórios e reservas pessoais como, por exemplo, a liberdade de ação e a liberdade de imposição.

marcador de planejamento, fato esse que é acentuado pelo uso das pausas. Esses MDs mostram que a falante pretende prosseguir e, ao mesmo tempo, que está planejando o que irá dizer. O *then* é classificado na literatura como marcador temporal, o qual, segundo Munthe (2008, p.25), “indicates temporal succession between prior and upcoming talk”⁷. Utilizado conjuntamente ao *and* reforça essa função sequenciadora de ideias.

É interessante salientar o fato de que, na língua inglesa falada pelos nativos, pode até ser que em determinadas circunstâncias apareça o *understand* com essa função de monitoramento do ouvinte, mas, na literatura científica, o mais comum é encontrar o MD *you know* exercendo essa função. Segundo Schourup (1985), *you know* presume algum tipo de conhecimento partilhado entre falante e ouvinte, ao mesmo tempo em que expressa certa incerteza quanto a esse conhecimento partilhado como, por exemplo, quando esse interlocutor checka se foi entendido, se o assunto está sendo interessante para o ouvinte ou se o assunto tratado é familiar. No segmento analisado, a entrevistada utilizou o MD *understand* para essa função. A escolha de L2 em utilizar o *understand* ao invés do *you know* evidencia o fenômeno do *borrowing*, ou seja, o fato de um falante não nativo de uma determinada língua utilizar empréstimos de palavras de sua língua mãe. Esse fato pode ser confirmado pelo uso das formas *entendeu? entende?*, que são as correspondentes do português brasileiro falado.

1 How do you see this relationship? teachers and parents... and:: ...what you've said ...that maybe it is difficult to deal because of the different education they have... different ways their parents bring up them...

[

2 yes

1 so... what do you think?

2 *well...ahn...* some parents they are very good... *ahn::...* they talk... *ahn::...* they talk to you likely and they show you their opinion... they show you how they want you to treat their son... how would be better... but there are other kinds of parents that they sometimes they want to argue and you have to be very polite not to argue too.... show your point and get... *ahn...* reach an agreement... that's the most important... I had sometimes problems with some parents who said I was teaching wrong and at the end they were wrong not me... *but... that's life...* I think differences... *and::...* *ahn... ahn...* different parents... if you can work on it in a good way... *ahn::...* try not to argue... try not to fight against *or something like this* but talking... try to give your opinion... *in my opinion* it's better... some parents are difficult... of course anything is easy nowadays... but...it's good... I have a student who has dyslexia and her/his mother is gorgeous... she's perfect... I love her and the other teacher doesn't work well with her... *I don't know... I think* you should show you're interested they they will be proud... the teacher is interested in me

87

1 Como você vê essa relação? Professores e pais... e::... o que você disse... que talvez é difícil lidar por causa das educações diferentes que eles têm... maneiras diferentes que foram educados por seus pais...

2 sim

[

1 então... o que você acha?

2 bom... eh::... alguns pais são muito bons... eh::... eles conversam... eh::... eles conversam bem com você e mostram sua opinião... eles mostram como eles querem que você trate seu filho... como seria melhor... mas existem outros tipos de pais que eles algumas vezes eles querem discutir e você tem que ser muito educado para não discutir também... mostrar seu ponto e chegar...eh::... chegar a um acordo... isso é o mais importante... eu tive algumas vezes problemas com alguns pais que disseram que eu estava ensinado errado mas no final eles estavam errados e não eu... mas é a vida... eu acho que diferenças... e::...eh::...eh::...pais diferentes... se você quiser lidar com isso de uma boa maneira... eh::...tentar não discutir... tentar não lutar contra ou alguma coisa do tipo mas conversar... tentar dar sua opinião... na minha opinião é melhor... alguns pais são difíceis... claro que nada é fácil hoje em dia... mas... é bom... tenho um aluno que tem dislexia e seu/sua mãe é maravilhosa... ela é perfeita... eu a amo e a outra professora não lida bem com ela... eu não sei... eu acho que você deve mostrar que está interessado eles eles ficarão orgulhosos... o professor está interessado em mim...

⁷ Indica sucessão temporal entre o discurso anterior e o próximo. (Tradução nossa)

No trecho analisado, é interessante observar ainda o marcador *I don't know* utilizado conjuntamente ao *I think*, ligado por pausas, os quais exercem função atenuadora. Na frase anterior, a entrevistada havia feito uma declaração polêmica e, assim, ela mostra, por meio de *I don't know* que ela sabe que outras pessoas podem não compartilhar da mesma opinião. É uma estratégia de atenuação e figuração, que assinala certa incerteza em relação à própria opinião. Ao utilizar, logo em seguida, o *I think*, ela faz um contraste ao *I don't know*, ao mesmo tempo em que deixa claro ser esta a sua opinião, e não a de outras pessoas. Os marcadores de opinião, segundo Rosa (1992, p. 45), podem expressar a incerteza do locutor enunciador a respeito do que diz, como também, podem se referir ao saber do locutor enunciador e a sua própria avaliação, com base nesse saber. Independentemente de expressar certeza ou incerteza, atuam como modificadores do grau de verdade do enunciado a que se referem.

Cabe salientar que em toda a transcrição e, também, neste segmento, podemos perceber a recorrência de pausas e de elementos não lexicalizados, como *ham*, *ahh*, além dos alongamentos. São marcadores de hesitação que mostram o planejamento local da fala da interlocutora. Na interação face a face, o texto é construído não somente por um autor, e sim por todos os envolvidos na interação. Assim, essa coautoria acontece *on line*, e as marcas desse processo ficam evidentes com a utilização dessas pausas, alongamentos e marcadores não lexicalizados, os quais sinalizam a construção do texto falado da entrevistada.

Segunda entrevista:

88

1 When do you usually visit your relatives?

2 *ahn ... to be hones::t... I don::'t... that's a bit awful isn't it?... ahn...* mainly on... Christmas... I spend with my family and Easter... *de::finitely* and then I TRY to... *because...* I... when I Lived in London... my family lived about an hour away on the train... and it takes about... two hours... door to door... and then my grandparents live about... three hours away... *so* I think if I came down... I would come for the whole day when everyone was there... when everyone was getting together for a birthday or *something like that*

1 quando você geralmente visita seus familiares?

2 *ahn... pra ser since::ro... eu não os visito::... isso é meio horrível né?... ahn... principalmente no Natal... que eu passo com minha família e Páscoa... de::finitivamente e então eu TENTO... porque... eu... quando eu morava em Londres... minha família vivia mais ou menos a uma hora de trem... e leva mais ou menos... duas horas... porta a porta... e então meus avós vivem mais ou menos... a três horas... então eu acho que se eu tivesse lá... eu viria para passar o dia quando todos estivessem lá... quando todos estivessem reunidos para um aniversário ou alguma coisa do tipo*

É possível observar, no segmento acima, o emprego da frase estereotipada *to be hones::t*, com um alongamento seguido de pausas. O entrevistado, então, responde que não visita seus familiares e utiliza, logo em seguida, a expressão parentética: *That's a bit awful isn't it?*. Em um primeiro momento, ele anuncia que será sincero em sua resposta, porém, ao fazê-lo, talvez por perceber que sua declaração poderia ser vista de um modo desfavorável (não visitar sua família), emprega esse mecanismo de reparação, no sentido de amenizar o teor de sua assertiva. Ele utiliza uma pergunta retórica, feita pela *tag question* (*isn't it?*), a qual tende a suavizar o que acabou de afirmar. Esse tipo de pergunta também possui a função de monitoramento do ouvinte, pois, por meio dela, é possível verificar se o interlocutor está acompanhando a conversa de forma satisfatória. Além disso, ela exerce também a função de MD de aprovação discursiva, uma vez que o interlocutor espera um consentimento à sua

opinião, buscando conduzir o ouvinte a aceitar e aprovar o que diz. O segmento *That's a bit awful isn't it?*, em posição parentética, configura um *hedge*, os quais, segundo Galembeck (1999 a, p. 186) são “os marcadores que, de qualquer forma, modificam o valor ilocutório de um enunciado”.

O MD *because*, além de exercer a função explicativa, nesse excerto, é também utilizado como marcador de hesitação e de planejamento verbal, indicando o processamento da fala, especialmente pelo fato de vir entre pausas. O entrevistado faz uma pausa para formular seu enunciado e o MD *so* aparece como marcador conclusivo, empregado como forma de concluir o pensamento e finalizar a resposta. Após explanar como eram suas visitas quando morava em Londres, conclui dizendo que, se estivesse lá, visitaria a família em outras situações também, como um aniversário em que todos estivessem reunidos ou outra coisa desse tipo. Para Munthe (2008, p. 21), o MD *so* “is a complementary marker of main ideas units”⁸. Também é considerado por Fraser (1990) um marcador conectivo, pois preserva semanticamente sua natureza conclusiva.

Outro marcador que se deve ressaltar é o *something like that*, exercendo a função de resumidor. O entrevistado vem listando vários momentos em que visitava sua família quando resolve sintetizar a fala. Estrategicamente, escolhe um MD resumidor e, assim, produz o efeito de que sua afirmação não se restringe ao que foi mencionado apenas, mas engloba outros exemplos relacionados ao que foi dito.

1 what kind of music do you like? erm... what bands do you like?

2 *hum*... I like lots of different types... like I/I like forró:... ((risos))... *and things like that*... *but I think* my favourite type of music is probably electro-pop... and things like *er*... Lady Gaga:... or Goldfrapp... *er*... *you know*... *sort of*... pop songs but a little bit eighties

1 que tipo de música você gosta? É:... quais bandas você gosta?

2 hum... eu gosto de diferentes tipos... como eu/eu gosto de forró:... ((risos))... e coisas do tipo... mas eu acho que o meu tipo de música favorita é provavelmente o eletropop... e coisas como eh:...lady Ga::ga... ou Goldfrapp... eh:... sabe... tipo... músicas pop mas um pouquinho anos oitenta

89

Nesse momento da entrevista, o interlocutor inicia sua fala com um marcador não lexicalizado (*hum*...) para ganhar tempo e formular sua fala. Começa a listar os tipos de música que gosta e, para resumir, mais uma vez, utiliza o MD resumidor *and things like that*, de maneira generalizada, porém que é contrastada imediatamente pelo MD *but*, mostrando que, mesmo com certa incerteza quanto à escolha do tipo de música que considera ser sua preferida, expõe sua opinião por meio do MD *I think*.

O entrevistado finaliza sua afirmação utilizando o MD *you know* com a função de monitoramento do ouvinte. Esse recurso serve para verificar se o entrevistador está acompanhando a conversação, ao mesmo tempo em que sinaliza que ainda não terminou seu turno.

O *you know* é MD muito recorrente no inglês falado. Muller (2005, p. 131) afirma que *you know* é um dos MDs mais difíceis de serem descritos, porque existem na literatura mais de trinta funções atribuídas a ele. Dentre elas, a autora destaca as mais relevantes, pois são as encontradas mais comumente. São elas:

- a) Quando utilizada com interrogação, é um pedido de resposta e quando usado com uma diminuição na entonação, significa que o interlocutor não dirá mais nada.
- b) Funciona como estruturador narrativo, pois, reintroduz informação dada ou

⁸ É um marcador complementar de unidades de ideias centrais. (Tradução nossa)

digressões.

- c) Entre pausas, pode indicar planejamento verbal.
- d) Presume, em alguns casos, conhecimento partilhado entre falantes, ou pode indicar uma certa incerteza com relação a esse conhecimento partilhado.
- e) É utilizado como indicador de entendimento mútuo ou consentimento.
- f) Pode ser usado enfaticamente.
- g) Está relacionado à incerteza com relação ao que vai dizer quando a informação é pessoal ou embaraçosa.
- h) Algumas vezes é encontrado como hedge ou como atenuador de força ilocucionária.
- i) É usado como clarificador, ou seja, quando introduz uma explicação sobre o que foi dito ou quando suporta uma opinião dada.
- j) Marca o limite entre duas unidades comunicativas.

O MD *you know*, no *corpus*, aparece basicamente com interrogação, o que induz uma resposta do ouvinte. Além disso, seu uso está relacionado à checagem por parte do falante do entendimento mútuo e consentimento que, automaticamente, implica um conhecimento partilhado. É possível verificar, também, que em alguns momentos, ele foi empregado como planejador verbal, mas essa função fica encoberta pelas outras já descritas, pragmaticamente mais fortes.

O falante conclui, passando dos exemplos de cantores e bandas para uma categoria mais genérica: *pop and eighties*. Com isso, ele tenta categorizar qual tipo de música mais lhe agrada e, para não afirmar categoricamente e correr o risco de encontrar alguma banda ou cantor que não se enquadre nessa categoria, atenua a afirmação pelo uso do marcador *sort of*, diminuindo a força ilocucionária de sua afirmação. O emprego do *sort of* exerce a função de *hedge*, e mostra um certo distanciamento entre o falante e seu enunciado. Segundo Rosa (1992, p. 21), “os hedges são formas cuja função é diluir o conteúdo ou força ilocutória de uma intervenção a fim de atenuar a ameaça potencial que esta poderia apresentar para a face de um ou de outro interlocutor.”

90

1 one more question... could you tell us about your country? Can you speak a foreign language?
2 *Well... no... I don't... I am trying very hard to learn Portuguese ((rápido))... but... hum... there is er:... there is an expression... that if you can speak two languages... you're bi-lingual:: if you speak three or more you're multi-lingual::((rápido))... and if you can only speak one you're English ((rápido)) because... we don't...uhm... we have no need... English is so international... it becomes more of a hobby:... than... ah/ah... than/ than a need... than a career like enhancement... opportunity or something like that ((rápido)) we're very lazy/we're very lazy... er... and our education system isn't focused on languages at all ((rápido))*
1 mais uma pergunta...você poderia nos contar sobre o seu país? Você fala uma língua estrangeira?
2 bom... não... eu não falo... eu estou tentando aprender português ((rápido))... mas... hum... tem eh:... tem uma expressão... que se você sabe falar duas línguas...você é bilíngue:... se você fala três ou quatro você é políglo::ta ((rápido))... e se você sabe falar só uma você é Inglês ((rápido)) porque nós não... eh:... nós não precisamos... inglês é tão internacional... que se torna mais um ho::bby... do que... ah/ah... do que/do que uma necessidade... do que uma carreira como aprimoramento... oportunidade ou alguma coisa do tipo((rápido)) nós somos muito preguiçosos/muito preguiçosos... eh:... e o nosso sistema educacional não é focado em línguas de jeito nenhum ((rápido))

No exemplo acima, é importante ressaltar o MD *well*. Em sua resposta, L2 utiliza o *well* em posição inicial, evidenciando sua função de iniciador do quadro tópico, uma dentre suas multifunções. É possível perceber, também, uma função planejadora, a qual pode ser confirmada pela existência da pausa que o segue. Esses elementos utilizados em conjunto assinalam a ação do planejar do falante, que ganha tempo ao utilizar *well* para organizar

melhor suas ideias. Svatvik (1980, p. 173, *apud* Muller, 2005, p.101) ressalta algumas funções de *well*:

There are evidences for a number of functions, which *well* subsumes under “two major uses: as a qualifier and as a frame”.

As a qualifier, *well* indicates:

- Agreement, positive reaction or attitude
- Reinforcement
- The non-straight and incomplete answer to the *wh*-question
- A non-direct or qualified answer (1980, p.173)

As a frame, normally occurring non-initially:

- Shifts the topic focus to one of the topics which have already been under discussion
- Introduces explanations, clarifications, etc.
- indicates the beginning of direct speech
- functions as editing marker for self-correction (1980, p.174)⁹

No segmento em questão, destaca-se, ainda, o uso do *well* como *frame*, uma vez que indica o processamento de uma afirmação, explicação.

Um número grande de marcadores não lexicalizados como *er*, *uhm*, bem como os marcadores *well*, *because* e *but* foram utilizados como marcadores de hesitação. São marcadores preenchedores de pausa e evidenciam os processos da construção do texto falado. Quanto mais persuasiva ou capciosa for a pergunta, mais marcadores de hesitação aparecerão. Isso se deve ao fato de que o falante planeja mais sua fala como uma estratégia de preservação de sua face. Essas pausas, preenchidas ou não, são um convite a uma tomada de turno e são consideradas organizadores locais importantes. As pausas preenchidas por conectivos, como ocorrem nesse fragmento, servem para que a falante não entregue seu turno ao seu interlocutor, já que sua fala ainda está em andamento. Os MDs de hesitação, segundo Marcuschi (2003, p. 27), “servem como momentos de organização e planejamento interno do turno e dão tempo ao falante de se preparar.” O autor acrescenta que tanto as pausas meditativas quanto as pausas preenchidas caracterizam-se como “indicadores da esfera do planejamento cognitivo do texto” (p.64), independentemente do fato de serem referentes a pensamentos retóricos, a hesitações, a ligação entre partes do texto ou separação dessas partes.

91

Análise quantitativa

Para a análise quantitativa, foi elaborada uma tabela contendo todos os marcadores

⁹ Há evidências de uma série de funções, as quais também englobam "dois usos principais: como um qualificador e como um *frame*".

Como um qualificador, *well* indica:

- Acordo, reação ou atitude positiva
 - Reforço
 - A resposta não direta a uma pergunta aberta (*wh*)
 - A resposta não direta ou qualificada (1980, p.173)
- Como uma *frame*, normalmente ocorrendo não inicialmente:
- Muda o foco tópico para um dos temas que já estavam em discussão
 - Apresenta explicações, esclarecimentos, etc
 - Indica o início de fala direta
 - Exerce funções como marcador de auto-correção (Tradução nossa)

utilizados nas duas entrevistas com seus respectivos números. A importância dessa tabela está no fato de facilitar a visualização desses números e, assim, permitir uma melhor compreensão da análise dos dados, além de auxiliar na averiguação de quais marcadores foram mais recorrentes. Nesse quadro, está evidenciado o MD e a quantidade de vezes em que foi utilizado pelos falantes, independentemente de sua função ou efeito de sentido.

Falante não nativa da língua inglesa	QUANTIDADE	Falante nativo da língua inglesa	QUANTIDADE
WELL	3	WELL	1
HUM	1	ER	5
AH/AHN	9	AH/AHN	2
BECAUSE	1	BECAUSE	2
AND	3	HUM	3
IN MY OPINION	3	BUT I THINK	2
BUT	1	BUT	1
OF COURSE	1	TO BE HONEST	1
KIND OF	2	SORT OF	1
UNDERSTAND	1	YOU KNOW	1
THAT'S LIFE	1	TAG QUESTION (ISN'T IT?)	1
AND THEN	1	DEFINITELY	1
I DON'T KNOW, I THINK	1	THERE IS AN EXPRESSION	1
SOMETHING LIKE THIS	1	SOMETHING LIKE THAT	3
TOTAL	29	TOTAL	25

92

Considerações Finais

Os marcadores discursivos são elementos típicos da fala, que devem ser vistos como uma categoria pragmática bastante definida na gramática de uma língua. Eles pontuam e articulam o texto falado, organizam a conversação e indicam a força ilocutória dos enunciados, caracterizando-se, pois, como elementos de caráter multifuncional.

Foram analisados, neste artigo, os marcadores discursivos encontrados em entrevistas com dois professores de língua inglesa: uma brasileira e um britânico que atualmente reside no Brasil. Percebemos que ambos utilizaram MDs com estratégias semelhantes no que diz respeito ao planejamento verbal e à organização dos tópicos, e marcadores diferentes em alguns momentos, porém com funções interacionais parecidas. Nesse sentido, vale ressaltar o fato de a brasileira ter feito um empréstimo (*borrowing*) de sua língua materna quando do uso do marcador *understand* no lugar do *you know*, este último comumente utilizado por falantes nativos da língua inglesa. Embora não sejam termos equivalentes, atuaram, nos excertos analisados, como marcadores de monitoramento, envolvimento do ouvinte e busca de aprovação discursiva.

Os MDs usados pela brasileira foram os não lexicalizados e do tipo simples quanto ao seu aspecto semântico-sintático. Já o britânico apresentou marcadores combinados, mais complexos, com a presença, inclusive, de frases estereotipadas e expressões parentéticas.

Observamos a recorrência de estratégias empregadas pelos entrevistados para abrandar a força ilocutória das asserções, destinadas a reduzir possíveis ameaças à imagem que

desejavam preservar para obter a aprovação dos ouvintes e para garantir o resguardo do que não pretendiam ver exibido. Dessa forma, salientamos o uso de *hedges* que denotam o grau de certeza que o falante atribui ao que diz. Exercem a função atenuadora, pois diminuem o comprometimento do locutor com os juízos emitidos e contribuem para diluir ou tornar ambíguo o valor ilocutório do enunciado.

Por fim, podemos concluir que, apesar de alguns fatores poderem influenciar o uso ou não de um determinado marcador, como as características psicológicas, escolhas pessoais, tópico da conversação, situação em que se desenvolveram as entrevistas, entre outros, no *corpus*, eles foram utilizados, tanto pela professora, falante não nativa, quanto pelo professor, falante nativo da língua inglesa, de modo semelhante em relação ao uso, funções e efeitos de sentido.

REFERÊNCIAS

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

BROWN, H. D. *Teaching by principles: An interactive approach to language pedagogy*. New York: Longman, 2001.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de Português*. 6 ed. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

FRASER, B. An Approach to Discourse Markers. *Journal of Pragmatics*. Trad. Pedro Caruso e Paulo F. Zanotto. Boston: Boston University - School of Education, p. 132-160.1990.

_____. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*. Boston: Boston University - School of Education, p. 931–952. 1998.

_____. Pragmatic formatives. In: VERSCHUEREN, J., BERTUCCELLI-PAPI, M. (Eds). *The Pragmatic Perspective*. Amsterdam: Benjamins, 1987. p. 179-194.

GALEMBECK, P. de T. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino. (Org.) *O discurso oral culto*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP. (Projetos Paralelos, vol. 2). 1999A. p. 173-194.

_____. Metodologia de Pesquisa em Português Falado. In: RODRIGUES, A. C. de S.; ALVES, I. M.;GOLDSTEIN, N. S. *I Seminário em Filologia de Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH-USP. 1999B. p. 109-119.

GOFFMAN, E. *Les rites d'interaction*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1974.

HALLIDAY, M. A. K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973.

LAKOFF, R. Questionable answers and answerable questions. In: KACHRU, B. B.; LEES R. B.; MAKIEL, Y.; PIETRANGELI, A.; SAPORTA, S. (org.). *Issues in Linguistics*. Papers in Honor of Henry and Renée Kahane, Urbana: University of Illinois Press, 1973,p. 453-467.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções.In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.). *Português falado Culto no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1989.p. 281-321.

MULLER, S. *Discourse Markers in Native and Non native Speakers*. John Benjamins Publishing Company: Justus Liebig University, Giessen, 2005.

MUNTHER, R. *The use of Discourse Marker in Written Text of President Susilo Bambang Yudhoyono's Speeches*. 2008. Thesis (Faculty of Letters- English Department). Medan: University of Sumatera Utara. 2008.

ROSA, M. de M.; *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.

RISSO, M. S.; URBANO, H.; SILVA, G. M. De O. Marcadores Conversacionais: Traços-Padrão Definidores. In: *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, vol VI, 2002.

SCHIFFRIN, D.; *Discourse Markers* [Studies in Interactional Sociolinguistics 5]. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHOURUP, L. *Common Discourse Particles in English Conversation*. New York: Garland, 1985.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 3.ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP. 2003. p. 81-101.

Recebido em 28/09/2015
Aprovado em 21/12/2015